

naquele tempo
nora roberts & j.d. robb

Tradução de Susana Serrão

Para Mary Kay McComas,
*Que mais ou menos toca um instrumento musical,
mas é a melhor das companhias*

PRIMEIRA PARTE

*Cobiçoso das posses dos outros,
Era pródigo com as suas.*
— Salústio

*Quem neste mundo sou eu?
Ah, esse é o grande enigma!*
— Lewis Carroll

Um

O assomo enérgico do trovão seguiu o estranho homenzinho até dentro da loja. Olhou em redor com ar de quem pede desculpa, como se aquele grosseiro barulho fosse responsabilidade sua e não da natureza, e meteu uma embalagem debaixo do braço para poder fechar um guarda-chuva às riscas pretas e brancas.

Tanto o homem como o guarda-chuva pingavam, com ar de luto, para cima do quadrado de tapete do lado de dentro da porta, enquanto a chuva fria da primavera fustigava as ruas e passeios do outro lado. Ficou onde estava, como se não tivesse a certeza de ser bem-vindo.

Laine virou a cabeça e lançou-lhe um sorriso que só tinha afabilidade e um convite simpático. Era um ar a que os amigos chamariam o sorriso educado da lojista.

Bem, que diabo, *era* uma lojista educada — e naquele momento esse cognome estava a ser duramente posto à prova.

Se soubesse que a chuva lhe traria clientes para a loja em vez de os manter afastados, não teria dado o dia a Jenny. Não que se importasse com a afluência. Uma mulher não abria uma loja se não quisesse freguesia, fosse qual fosse o estado do tempo. E uma mulher não abria uma loja na Santa Terrinha, EUA, sem perceber que passaria tanto tempo a conversar, a ouvir e a arbitrar discussões, assim como a conseguir vendas.

E não fazia mal, pensou Laine, era bom, mas se Jenny estivesse a

trabalhar em vez de passar o dia a pintar as unhas dos pés e a ver telenovelas, teria sido Jenny a atender as Gêmeas.

Darla Price Davis e Carla Price Davis tinham o cabelo pintado do mesmo tom louro-acinzentado. Usavam gabardinas azuis idênticas e bolsas em forma de crescente a condizer. Terminavam as frases uma da outra e comunicavam numa espécie de código que incluía muito franzir de sobrancelhas, engelhar de lábios, encolher de ombros e acenar de cabeças.

O que poderia ser giro em crianças de oito anos era simplesmente estranho em mulheres de quarenta e oito.

Não obstante, Laine lembrou-se de que nunca iam à Naquele Tempo sem largar uma nota. Poderiam demorar horas a largá-la, mas por fim lá haveria uma venda. Pouca coisa animava o coração de Laine como o toque da caixa registadora.

Hoje estavam à caça de uma prenda de noivado para a sobrinha, e nem a chuva persistente nem a trovoada as tinham impedido. Também não haviam impedido o jovem casal ensopado que — diziam — fizera um desvio em Angel's Gap por capricho, a caminho de Washington.

Nem o homenzinho molhado com o guarda-chuva às riscas que parecia, aos olhos de Laine, algo agitado e perdido.

Por isso, abriu um sorriso ainda mais caloroso. — Vou já atendê-lo — disse, e voltou às Gêmeas.

— Porque não continuam a procurar? — sugeriu Laine. — Pensem à vontade. Assim que eu...

A mão de Darla fechou-se no seu pulso, e Laine soube que não podia fugir.

— Temos de decidir. A Carrie tem mais ou menos a sua idade, querida. Que desejaria *você* para prenda de noivado?

Laine não precisava de transcrever o código para ver que era uma farpa não muito subtil. Afinal tinha vinte e oito anos e nunca casara. Não estava noiva. Nem saía com ninguém em especial de momento. Era um crime antinatura, segundo as Gêmeas Price.

— Sabe — atalhou Carla —, a Carrie conheceu o Paul na ceia de esparguete do Kawanian no outono passado. Devia sair mais, Laine.

— Pois devia — concordou Laine com um sorriso encantador. Se quisesse andar com um contabilista careca e divorciado com sinusite. — Sei que a Carrie vai adorar seja o que for que escolherem. Mas talvez a prenda de noivado das tias deva ser mais personalizada do que castiçais. São lindos, mas o conjunto de toucador é tão feminino. — Escolheu a

escova de prata do conjunto que estavam a ver. — Imagino que outra noiva a tenha usado na noite de núpcias.

— Mais personalizada — começou Darla. — Mais...

— Feminino. Sim! Podíamos comprar os castiçais para...

— Prenda de casamento. Mas se calhar devíamos ver as joias antes de comprarmos o conjunto de toucador. Qualquer coisa com pérolas? Qualquer coisa...

— Antiga que ela pudesse usar no dia do casamento. Reserve os castiçais e o conjunto, querida. Vamos ver as joias antes de decidirmos qualquer coisa.

A conversa parecia uma bola de ténis em serviço e saía de duas bocas idênticas pintadas em tom coral. Laine congratulou-se pelo jeito e a atenção que tinha enquanto acompanhava quem dizia o quê.

— Boa ideia. — Laine levantou os antigos e belíssimos castiçais Dresden. Não se podia dizer que as Gémeas não tivessem bom gosto, nem que se acanhavam de arejar os cartões de crédito.

Começou a levar as compras para o balcão quando o homenzinho lhe apareceu ao caminho.

Entreolharam-se, e os olhos dele eram azuis pálidos e deslavados, avermelhados com a falta de sono ou com muito álcool ou alergias. Laine decidiu-se pela falta de sono, dado que também tinham papos de cansaço. O cabelo estava uma massa grisalha em desalinho com a chuva. Trazia um sobretudo caro da Burberry e um guarda-chuva de três dólares. Presumiu que tivesse feito a barba à pressa nessa manhã, pois deixara um bocado grisalho junto ao maxilar.

— Laine.

Disse o nome dela com uma urgência e intimidade que lhe transformaram o sorriso num ar de confusão educada.

— Sim? Desculpe, mas eu conheço-o?

— Não se recorda de mim. — O corpo dele parecia querer inclinar-se. — Já foi há muito tempo, mas pensei...

— Menina! — chamou a mulher que ia a caminho de Washington. — Mandam por correio?

— Sim, senhora. — Ouvira as Gémeas numa das suas discussões em código sobre brincos e pregadeiras, e sentiu o impulso de comprar no casal de Washington. O homenzinho fitava-a com uma intimidade esperançosa que lhe causava arrepios.

— Desculpe, estou mesmo atarefada esta manhã. — Ladeou o balcão

para pousar os castiçais. A intimidade, recordou-se, fazia parte do ritmo das terrinhas. O homem talvez já lá tivesse estado, e era ela que não conseguia lembrar-se dele. — Posso ajudá-lo nalguma coisa específica, ou prefere ver o que temos exposto?

— Preciso que me ajude. Não há tempo. — Sacou de um cartão e pô-lo na mão dela. — Ligue-me para este número, assim que puder.

— Senhor... — Olhou para o cartão e leu o nome dele. — Peterson, não compreendo. Pretende vender alguma coisa?

— Não, não. — A gargalhada dele soou histérica e Laine agradeceu mentalmente ter mais clientes na loja. — Já não. Explicarei tudo, mas agora não. — Olhou em volta. — Aqui não. Não devia ter cá vindo. Ligue para o número.

Fechou a mão sobre a dela de uma maneira que obrigou Laine a reprimir o instinto de se libertar. — Prometa-me.

Cheirava a chuva e a sabonete e a... *Brut*, percebeu ela. E o *aftershave* fez-lhe lembrar qualquer coisa, mas nem soube o quê. Os dedos dele apertaram-lhe a mão. — Prometa-me — repetiu num sussurro áspero, e ela só viu um homem estranho de casaco molhado.

— Claro.

Viu-o ir para a porta, abrir o guarda-chuva reles. E soltar um suspiro de alívio quando saltitou para a chuva. *Bizarro* foi a única palavra em que ela pensou, mas estudou o cartão por um momento.

Tinha o nome impresso, Jasper R. Peterson, mas o número de telefone estava escrito à mão e sublinhado duas vezes.

Meteu o cartão no bolso e preparava-se para dar ao casal viajante um empurrãozinho amistoso quando se ouviu um carro a travar no piso molhado e gritos alarmados; girou nos calcanhares. Houve mais um barulho horrível, um som cavo que ela nunca esqueceria. Tal como nunca esqueceria ter visto o estranho homenzinho no seu casaco elegante ir contra a montra da loja.

Saiu porta fora, para a chuva incessante. Ouviam-se passos e algures por ali o ruído de metal contra metal e vidros a partirem-se.

— Sr. Peterson. — Laine agarrou-lhe na mão e debruçou-se numa tentativa vã de lhe cobrir da chuva o rosto ensanguentado. — Não se mexa. Chamem uma ambulância! — gritou e tirou o casaco para o tapar o melhor que pôde.

— Vi-o. Vi-o. Não devia ter vindo. Laine.

— Vem aí ajuda.

— Deixou-o para ti. Ele queria que eu to desse.

— Está tudo bem. — Afastou o cabelo que lhe pingava para os olhos e aceitou o guarda-chuva que alguém lhe estendia. Colocou-o sobre ele e inclinou-se mais, pois ele puxava-lhe debilmente pela mão.

— Tem cuidado. Lamento muito. Tem cuidado.

— Tenho. Claro que tenho. Mas não se mexa, poupe as forças, Sr. Peterson. Vem aí ajuda.

— Tu não te lembras. — O sangue saía-lhe da boca e ele sorria. — A pequena Lainie. — Respirou fundo e tossiu sangue. Ela ouviu as sirenes e ele começou a cantarolar numa voz fina e ofegante.

— *Pack up all my care and woe* — cantarolou e depois arquejou. — *Bye, bye, blackbird.*¹

Ela olhava-lhe para a cara pisada e sentiu alfinetadas na sua própria pele, já gelada. As recordações, tão longínquas, apareceram. — Tio Willy? Oh, meu Deus.

— Gostava desse. Fiz asneira — disse ele sem fôlego. — Desculpa, achei que seria seguro. Não devia ter vindo.

— Não compreendo. — As lágrimas queimavam-lhe na garganta, corriam-lhe pelas faces. Ele estava a morrer. Estava a morrer porque ela não o tinha reconhecido, e o mandara para a chuva. — Tenho muita pena. Tenho tanta pena.

— Ele sabe onde estás agora. — Revirou os olhos. — Esconde o canito.

— O quê? — Debruçou-se mais até os lábios dela quase tocarem nos dele. — O quê? — Mas a mão que ela tinha nas suas estava morta.

Os paramédicos afastaram-na. Ouviu-lhes o diálogo curto e conciso — gíria médica a que ela se habituara da televisão, que quase podia recitar de cor. Mas aquilo era verdade. O sangue que se diluía na chuva era verdadeiro.

Ouviu uma mulher soluçar e dizer repetidamente em voz aguda: — Ele meteu-se mesmo à minha frente. Não conseguiu travar a tempo. Ele correu para a frente do carro. Ele está bem? Ele está bem? Ele está bem?

Não, queria dizer Laine. Não está nada bem.

— Venha para dentro, querida. — Darla pôs o braço nos ombros de Laine e puxou-a para trás. — Está ensopada. Já não pode fazer mais nada aqui.

¹ Referência à canção de Paul McCartney, *Bye Bye Blackbird*: “Guardo todos os meus pesares e aflições/Adeus, adeus, melro” (Tradução livre). (N. de T.)

— Devia fazer alguma coisa. — Olhou para o guarda-chuva partido, as riscas alegres todas sujas agora, e pingos de sangue.

Devia tê-lo mandado sentar à lareira. Ter-lhe dado uma bebida quente e deixá-lo aquecer-se e secar-se em frente ao lume. Assim, estaria vivo. A contar-lhe histórias e piadas tontas.

Mas não o reconhecera, e ele estava a morrer.

Não podia ir para dentro, sair da chuva e deixá-lo sozinho com estranhos. Mas nada havia a fazer exceto olhar, impotente, enquanto os paramédicos lutavam em vão para salvar a vida ao homem que outrora se rira das gracinhas dela e lhe cantara cantigas tolas. Morrera em frente à loja que ela trabalhara tanto para ter e deixara à porta as recordações todas de que ela pensara ter fugido.

Era uma mulher de negócios, um pilar da comunidade e uma fraude. Nas traseiras da loja, serviu duas canecas de café e soube que ia mentir a um homem a quem considerava um amigo. E negar qualquer conhecimento de um ente outrora querido.

Tentou recompor-se, passou as mãos pela massa húmida de cabelo ruivo, o qual usava normalmente num rabo de cavalo que lhe chegava aos ombros. Estava pálida, e a chuva levara-lhe a maquilhagem, aplicada sempre com tanto cuidado, pelo que se viam as sardas no nariz fino e nas faces. Os olhos, um azul brilhante como o de um viking, estavam vítreos com o choque e a dor. A boca, ligeiramente grande de mais para o rosto angular que ela tinha, ameaçava tremer.

Observou o seu reflexo no espelho com moldura dourada que tinha na parede do escritório. E viu aquilo que era. Bem, faria o que fosse preciso para sobreviver. Willy certamente compreenderia isso. *Despacha o que vier primeiro*, disse de si para si, *e depois pensa no resto*.

Respirou fundo, expirou e depois pegou no café. Tinha as mãos quase firmes quando entrou na loja principal e se preparou para prestar falso testemunho ao chefe da polícia de Angel's Gap.

— Desculpa ter demorado tanto tempo — disse ela com as canecas na mão, enquanto se dirigia a Vince Burger, perto da pequena lareira.

Este era um homem grande como um urso, com uma melena de cabelo louro-esbranquiçado quase em pé, como se surpreendido por dar consigo em cima da cara larga e descontraída. Os olhos, de um azul mortiço e deslavado com ruguinhas, estavam cheios de compaixão.

Era marido de Jenny e viera a ser como um irmão para Laine. Porém, ela agora pensava nele como polícia, e em como tudo o que ela conquistara estava em jogo.

— Porque não te sentas, Laine? Foi um choque muito grande.

— Sinto-me como que dormente. — Era bem verdade, não tinha de mentir a respeito de tudo, mas foi bebericar o café e ver a chuva, para não ter de encontrar aqueles olhos compassivos. — Agradeço que tenhas vindo tu ouvir o meu depoimento, Vince. Sei que tens que fazer.

— Achei que ficarias mais à vontade.

É melhor mentir a um amigo do que a um estranho, pensou ela amargamente. — Não sei que te diga. Não vi o acidente propriamente dito. Ouvi... ouvi os travões a chiar, gritos, um barulho horrível, e depois vi... — Não fechou os olhos. Se os fechasse, voltaria a ver tudo. — Vi-o embater na janela, como se o tivessem atirado. Saí a correr, fiquei com ele até chegarem os paramédicos. Foram rápidos. Pareceram horas, mas foram só minutos.

— Ele esteve aqui dentro antes do acidente.

Fechou, então, os olhos e preparou-se para o que tivesse de fazer para se proteger. — Sim. Tive vários fregueses esta manhã, o que mostra que nunca devia dar folga a Jenny. As Gémeas estiveram cá, e um casal que passou por aqui a caminho de Washington. Estava ocupada quando ele entrou, e deixou-se ficar a ver um bocado.

— A forasteira disse achar que vocês se conheciam.

— A sério? — Laine virou-se e afivelou um ar espantado, como um artista esperto saberia fazer num retrato. Foi até uma das duas cadeiras de braços que pusera em frente à lareira e sentou-se. — Não sei porquê.

— Impressão — disse Vince e encolheu os ombros. Sempre consciente do seu tamanho, sentou-se, lenta e cuidadosamente, na outra cadeira. — Diz que ele te pegou na mão.

— Bem, demos um *aperto* de mão, e ele deu-me um cartão. — Laine tirou-o do bolso e obrigou-se a olhar para a cara de Vince. O lume crepitava, caloroso, e embora sentisse o calor na pele, tinha frio. Muito frio. — Disse que queria falar comigo quando eu não estivesse tão ocupada. Que tinha qualquer coisa para vender. Acontece com frequência — acrescentou, dando o cartão a Vince. — E é assim que eu mantenho a loja aberta.

— Pois. — Ele meteu o cartão no bolso da camisa. — Alguma coisa em especial em relação a ele?

— Só que tinha um belo sobretudo e um guarda-chuva fracote... e que não parecia do género de deambular por terrinhas. Tinha um ar urbano.

— Tu também, aqui há uns anos. Aliás... — Estreitou os olhos, estendeu a mão e passou o polegar pela face dela. — Ainda tens algum.

Ela riu-se, porque era o que ele queria. — Quem me dera poder ajudar mais, Vince. Que coisa tão horrorosa.

— Sei dizer-te que temos quatro depoimentos diferentes. Todos dizem que o tipo saiu da loja a correr e se meteu à frente do carro. Como se estivesse assustado ou coisa assim. Pareceu-te assustado, Laine?

— Não lhe dei atenção. O facto é que, Vince, praticamente o mandei embora quando percebi que não queria comprar nada. Tinha fregueses. — Abanou a cabeça quando a voz lhe fraquejou. — Parece tão cruel agora.

A mão que Vince pôs nas suas para a confortar fê-la sentir-se vil. — Não sabias o que ia acontecer. Foste a primeira a chegar a ele.

— Ele estava mesmo à porta. — Teve de beber um grande gole de café para lavar a mágoa que sentia na garganta. — Quase no degrau.

— E falou contigo.

— Sim. — Tornou a pegar no café. — Não fez grande sentido. Pediu desculpa umas duas vezes. Não me parece que soubesse quem eu era nem o que tinha acontecido. Acho que delirava. Chegaram os paramédicos e... e ele ficou-se. Que vais fazer agora? Quero dizer, ele não é daqui. O número de telefone é de Nova Iorque. Fico a pensar se ele estava só de passagem, para onde iria, de onde seria.

— Vamos tentar saber isso tudo para darmos parte aos familiares mais próximos. — Vince levantou-se e pôs-lhe uma mão no ombro. — Não vou dizer-te que esqueças tudo, Laine. Não vais conseguir, durante algum tempo. Vou dizer-te, sim, que fizeste o que pudeste. Não se pode fazer mais do que isso.

— Obrigada. Vou fechar por hoje. Quero ir para casa.

— Boa ideia. Queres boleia?

— Não, obrigada. — Foi a culpa, mais do que o afeto, que a fizeram pôr-se em bicos de pés para lhe dar um beijo na face. — Diz à Jenny que a vejo amanhã.

O nome dele, pelo menos o nome que ela conhecia, era Willy Young. Provavelmente William, pensou Laine, enquanto o carro subia o caminho de cascalho. Não era tio dela a sério — tanto quanto ela sabia —, mas

sim honorário. Um que tinha sempre alcaçuz vermelho na algibeira para uma repariguinha.

Ela não o via há quase vinte anos, e nessa altura ele tinha o cabelo castanho e a cara mais redonda. E sempre tivera uma passada viva.

Não admirava que não o tivesse reconhecido no homenzinho curvado e nervoso que lhe entrara na loja.

Como é que ele tinha dado com ela? *E porquê?*

Dado que ele era, tanto quanto ela sabia, o melhor amigo do pai, partiu do princípio de que ele era — tal como o pai — ladrão, vigarista, alguém que cometia pequenos delitos. Não era o tipo de conhecimentos que uma mulher de negócios respeitável queria ter.

E por que diabo se havia de sentir pequenina e culpada?

Travou e ficou a olhar para a casa bonita no bonito monte, através dos limpa-para-brisas.

Adorava o sítio. Era dela. O seu lar. Era uma casa de dois pisos grande de mais para uma mulher sozinha, mas ela adorava poder deambular por ela. Estimava cada momento que passara a decorar meticulosamente cada dependência a seu gosto. E só a seu gosto.

Sabendo, como sabia, que nunca, nunca, teria de fazer as malas num instante ao som de *Bye Bye Blackbird* e fugir.

Adorava poder ocupar-se com o quintal, o jardim, podar arbustos, cortar a relva, arrancar ervas daninhas. Coisas vulgares. Coisas simples e *normais* para uma mulher que passara a primeira parte da vida a fazer pouca coisa normal.

Tinha direito, não tinha? De ser Laine Tavish e tudo o que isso significava? A loja, a terrinha, a casa, os amigos, a *vida*. Tinha direito a ser a mulher que criara para si.

Não teria ajudado Willy em nada se tivesse dito a verdade a Vince. Não teria mudado nada para ele, e poderia ter mudado tudo para ela. Vince não tardaria a descobrir que o homem na morgue da comarca não era Jasper R. Peterson mas sim William Young, e os pseudónimos que pudesse haver.

Teria cadastro. Ela sabia que Willy tinha cumprido pena pelo menos uma vez junto com o pai. «Irmãos de armas», dissera o pai, e ela ainda podia ouvir o riso dele, aberto e sonante.

Como ficava furiosa com aquilo, saiu do carro e bateu com a porta. Correu para casa, à procura das chaves.

Acalmou-se, quase de imediato, quando a porta se fechou atrás de si

e a casa a rodeou. A calma, os aromas a óleo de citronela que as mãos dela haviam passado na madeira e a doçura subtil das flores de primavera que trouxera do jardim apaziguaram-lhe os nervos em franja.

Pôs as chaves no prato típico japonês, um raku, que tinha na mesinha da entrada, tirou o telemóvel da mala e pô-lo a carregar. Descalçou-se, tirou o casaco, pendurou-o no poste da escada e pousou a mala no primeiro degrau.

Seguiu a sua rotina e dirigiu-se à cozinha. Normalmente teria posto a chaleira ao lume e visto o correio que tirara da caixa ao fundo do caminho enquanto a água aquecia.

Mas naquele dia serviu-se de um grande copo de vinho.

E bebeu-o ao pé do lava-louça, a olhar pela janela para o quintal.

Tinha tido um quintal — por duas vezes — em pequena. Lembrava-se de um no... Nebraska? Iowa? Que importava?, pensou, e bebeu mais um gole de vinho. Gostara do quintal porque tinha uma árvore grande e velha logo no meio, e ele pendurara um pneu velho numa corda grande e grossa.

E empurrava-a tão alto que ela achava estar a voar.

Não tinha a certeza de quanto tempo tinham ficado nem recordava nada da casa. A maior parte da infância era uma memória desfocada de lugares e caras, viagens de carro, a azáfama de fazer as malas. E ele, o pai, com o riso sonante e as mãos grandes, o sorriso irresistível e as promessas desatentas.

Ela passara a primeira década da sua vida desesperadamente enamorada pelo homem, e o resto da vida a fazer o que podia para esquecer que ele existira.

Se ele estivesse em apuros, outra vez, ela não tinha nada a ver com isso.

Já não era a pequena Laine do Jack O'Hara. Era Laine Tavish, cidadã respeitável.

Olhou para a garrafa de vinho e serviu-se com um encolher de ombros. Uma mulher crescida podia embebedar-se na sua própria cozinha, por amor de Deus, especialmente se tivesse visto um fantasma do passado a morrer aos seus pés.

Com o copo na mão, foi até à porta das traseiras atender os latidos esperançosos do lado de fora.

Entrou como um tiro de canhão — um tiro de canhão peludo e de orelhas grandes. Fixou as patas na barriga dela, e o focinho comprido tocou-lhe na cara, antes de a língua lhe cobrir as faces de um afeto molhado e desesperado.

— Está bem, está bem! Também estou contente por te ver. — Por mais que se sentisse em baixo, as boas-vindas de *Henry*, aquele cão espantoso, nunca deixavam de a animar.

Salvara-o do canil, pelo menos era o que gostava de pensar. Quando fora ao canil dois anos antes, tinha sido para trazer um cachorrinho. Sempre quisera uma bolinha de pelo para treinar desde cedo.

Mas quando o vira... — grande, desajeitado, espantosamente feio naquele pelo cor de lama. Um cruzamento, pensou ela, entre urso e papa-formigas. E rendera-se no momento em que ele olhara para ela pela porta da jaula.

Toda a gente merecia uma oportunidade, pensara, e assim salvara *Henry* do canil. Ele nunca lhe dera razões para se arrepender. A sua adoração era absoluta, tanto que ele continuava a fitá-la assim, mesmo quando ela lhe enchia a malga de comida.

— Hora de comer, rapaz.

Ao sinal, *Henry* mergulhou a cabeça na malga com toda a seriedade.

Ela também devia comer. Qualquer coisa para ensopar o vinho, mas não lhe apetecia. Com tanto vinho no sangue, não conseguiria pensar, inquirir, preocupar-se.

Deixou a porta de dentro aberta e foi ver as trancas de fora. Podia alguém entrar pela porta do cão, se quisesse, mas *Henry* daria sinal.

Ladrava sempre que um carro subia o caminho e embora castigasse o intruso com baba e excitação — depois de este deixar de tremer de medo —, ela nunca tivera qualquer surpresa. E nunca, nos quatro anos em Angel's Gap, tivera problemas em casa, ou na loja.

Até hoje, lembrou-se.

Decidiu trancar a porta do cão e deixar *Henry* sair pela frente para a volta noturna.

Pensou em telefonar à mãe, mas para quê? A mãe tinha uma vida boa e respeitável agora, com um homem bom e respeitável. Conquistara-a. De que valia irromper nessa bela vida e dizer: «Olha, encontrei o tio Willy hoje, e um jipe *Cherokee* também o encontrou»?

Levou o vinho com ela para o andar de cima. Faria um jantarinho, tomaria um banho quente, deitar-se-ia cedo.

Encerraria os acontecimentos daquele dia.

Deixou-o para ti, dissera ele, lembrou-se. Provavelmente a delirar. Mas se ele tivesse deixado alguma coisa, ela não queria nada.

Já tinha tudo o que queria.

...

Max Gannon deu ao médico uma nota de vinte para dar uma olhadela ao cadáver. Na experiência de Max, a efigie de Andrew Jackson ultrapassava a burocracia mais depressa do que explicações e papelada e mais camadas de burocracia.

Soubera das más notícias sobre Willy pelo funcionário do motel Red Roof Inn, que era até onde tinha seguido o vigarista. A polícia já lá tinha estado, mas Max investira a primeira nota de vinte do dia no número e na chave do quarto.

A polícia ainda não levava a roupa dele, nem fizera grande busca, pelo ar do quarto. Porque fariam, em caso de acidente de viação? Mas assim que identificassem Willy, voltariam para ver melhor.

Willy não desfizera as malas, reparou Max, a escrutinar o quarto. As peúgas e a roupa interior e duas camisas ainda estavam impecavelmente dobradas na mala *Louis Vuitton*. Willy era arrumadinho e adorava coisas de marca.

Pendurara um fato no roupeiro. Cinzento, não trespassado, *Hugo Boss*. Um par de sapatos *Ferragamo*, junto com os tensores de madeira, alinhados no chão.

Max vasculhou os bolsos e apalpou o forro. Tirou os tensores de dentro dos sapatos e meteu os dedos compridos até à biqueira.

Na casa de banho, vasculhou o conjunto de toilette da *Dior*. Levantou a tampa do autoclismo, agachou-se para ver por detrás e debaixo do lavatório.

Abriu as gavetas, remexeu na mala, virou o colchão.

Levou menos de uma hora a revistar o quarto e a ver que Willy não deixara nada de importante. Quando de lá saiu, estava tudo tão arrumado e com um ar tão intocado como quando entrara.

Pensou em dar ao empregado outra de vinte para não contar à polícia, mas depois achou que lhe poderia dar ideias.

Entrou para o *Porsche*, pôs a tocar Springsteen e dirigiu-se à morgue da comarca para verificar que a pista mais forte que tinha estava em gelo.

— Estúpido. Caraças, Willy, achei que eras mais esperto do que isto.

Max resfolegou a olhar para a cara de Willy. *Por que diabo correste?* E que poderia haver de tão importante numa terriola do Maryland?

O quê, pensou Max, ou quem?

Dado que Willy já não lhe podia dizer, Max meteu-se no carro e foi até Angel's Gap retomar a pista multimilionária que tinha.

Quem queria saber o que se passava num sítio pequeno ia aonde o povo se reunia. De dia, café e comida. De noite, álcool.

Depois de decidir que ficaria em Angel's Gap um dia ou dois, Max registou-se num local que se chamava The Historic Wayfarer's Inn e tomou um duche para limpar as primeiras doze horas do dia. Era tarde para ir bater à porta número dois.

Comeu um hambúrguer muito bom do serviço de quartos, sentado ao computador portátil, a ver a página da Câmara de Comércio de Angel's Gap. A secção Vida Noturna dava-lhe várias opções de bares, discotecas e cafés. Queria um bar de bairro, o tipo de sítio onde os conterrâneos bebessem uma cerveja ao fim do dia e falassem uns dos outros.

Escolheu três que podiam encaixar, procurou indicações para as moradas e acabou o hambúrguer enquanto estudava uma impressão do mapa de Angel's Gap.

Era um sítio jeitoso, pensou ele, aninhado nas montanhas. Vistas de morrer, imensas opções recreativas para entusiastas de desporto ou tarados por campismo. Ritmo lento o suficiente para quem quisesse livrar-se da cidade, mas com bolsas de cultura cheias de classe — e a uma distância razoável das principais áreas metropolitanas, para quem quisesse passar o fim de semana nas montanhas do Maryland.

A Câmara de Comércio gabava as oportunidades de caça, pesca, caminhada e outras atividades ao ar livre — e nenhuma atraía o cidadão que Max era.

Se quisesse ver ursos e veados no seu *habitat* natural, escolheria o canal Discovery.

Mesmo assim, o sítio tinha encanto, com as ruas íngremes e edifícios antigos de sólida tijoleira vermelha. O rio Potomac dividia a cidade em duas, e as pontes que o atravessavam eram típicas. Muitos pináculos de igrejas, alguns com toques de cobre que enverdecera com o tempo e o clima. Onde estava, podia ouvir o silvo de um comboio que se alongava e ecoava a assinalar a passagem.

Não tinha dúvidas de que fosse de encher o olho no outono, quando as árvores ficavam plenas de cores, e bonito como um bilhete-postal

quando a neve cobrisse tudo. Mas nada explicava por que razão um vigarista como Willy Young se deixara ceifar por um jipe na Market Street.

Para achar essa peça do quebra-cabeças, Max fechou o portátil, agarrou no blusão preferido e foi correr as capelinhas.

Dois

Ignorou a primeira escolha sem sequer parar. A floresta de *Harleys* à porta mostrava que era um bar de motoqueiros e não um sítio onde se falasse de negócios com uma cerveja na mão.

A segunda levou dois minutos a identificar como antro de universitários, com música alternativa estranha e dois tipos com ar sério a jogar xadrez a um canto, enquanto o resto se dedicava a rituais de acasalamento típicos.

Mas à terceira acertou.

O *Artie's* era o género de sítio onde um tipo podia levar a mulher, mas não a amante. Era onde se ia conviver, encontrar amigos ou beber uma a caminho de casa.

Max teria apostado e ganhado em como noventa por cento da freguesia sabia os nomes uns dos outros, e boa parte dela seria aparentada.

Foi até ao bar, pediu uma imperial *Beck's* e avaliou o ambiente. O canal ESPN na televisão, sem som, aperitivos em cestinhos de plástico. Um tipo negro enorme a servir ao balcão, e duas empregadas às mesas.

A primeira fazia-lhe lembrar a bibliotecária do liceu, o que o fazia pensar que ela já tinha visto de tudo e nada do que tinha visto lhe agradara. Era baixa, larga de ancas e com quarenta e muitos. Lançou-lhe um olhar em como não toleraria conversa fiada.

A segunda tinha vinte e poucos e era do tipo atiradiço. Exibia um

corpo bem apetrechado numa camisola preta justa e calças de ganga pintadas. Passava tanto tempo a mexer no cabelo louro encaracolado quanto a levantar mesas.

Pelo modo como se deixava ficar numa e noutra mesa, a fazer conversa, Max apostou que poderia ser o jornal da terrinha.

Esperou algum tempo e depois lançou-lhe um sorriso encantador quando ela passou pelo bar para fazer pedidos. — Casa cheia.

Ela lançou-lhe também um sorriso encantador. — Oh, nem por isso. — Posicionou-se melhor e virou o tronco para ele, num claro convite à conversa. — De onde é?

— Ando por todo o lado. Negócios.

— Tem sotaque do Sul.

— Apanhou-me. Savannah, mas há muito tempo que não vou a casa. — Estendeu a mão. — Max.

— Olá, Max. Sou a Angie. Que tipo de negócio o traz à Gap?

— Seguros.

O tio dela vendia seguros e não enfeitava assim um banco de bar como aquele. Metro e noventa, a maioria pernas, e noventa quilos de músculo, na avaliação dela. E Angie achava que sabia avaliar bem o que lhe aparecia pela frente.

Havia muito cabelo castanho grisalho, encaracolado pela humidade, em redor de uma cara magra. Os olhos eram castanhos e amistosos, mas algo duros. Depois o sotaque arrastado, e um dente canino ligeiramente torto para que o sorriso não fosse perfeito.

Gostava de homens duros com algumas imperfeições.

— Seguros? Nunca diria.

— É como um jogo, não é? — Meteu um pretzel na boca e tornou a sorrir. — A maioria das pessoas gosta de jogar. Assim como gosta de pensar que vai viver para sempre. — Bebeu um gole de cerveja e reparou que ela olhava para a sua mão esquerda. À procura de aliança, pensou ele. — Mas não. Ouvi dizer que um pobre diabo esticou o pernil na Main Street esta manhã.

— Market — corrigiu ela, e ele fez um ar confuso. — Aconteceu esta manhã na Market Street. Meteu-se à frente do *Cherokee* da Missy Leager. Ela está muito em baixo também.

— Que coisa. Não parece ter sido culpa dela.

— E não foi. Muita gente viu o que se passou, e ela não podia ter feito nada para evitar. Ele correu para a frente do carro.

— Isso é mau. E ela devia conhecê-lo, numa terra pequena como esta.
— Não, ninguém o conhecia. Não era de cá. Ouvi dizer que ele esteve na Naquele Tempo — eu trabalho lá a meio tempo — mesmo antes. Vendemos antiguidades e curiosidades e tal. Acho que ele só foi lá ver. Horrível. Horrível mesmo.

— É verdade. Estava lá quando aconteceu?

— Não. Esta manhã não trabalhei. — Calou-se, como se debatesse mentalmente se estava contente ou com pena de ter perdido aquilo. — Não sei como é que se corre para a frente de um carro daquela maneira. Chovia muito. Acho que ele não viu o carro.

— Pouca sorte.

— Pois foi.

— Angie, as bebidas não se servem sozinhas!

Era a bibliotecária e Angie revirou os olhos. — Já lá vou. — Piscou o olho a Max e levantou a bandeja. — Vejo-te por aí?

— Podes apostar.

Quando Max voltou ao hotel, já tinha uma boa percepção dos movimentos de Willy. Este entrara no hotel cerca das dez da noite do dia anterior e pagara em dinheiro para ficar três dias. Não o iam reembolsar. Tomara o pequeno-almoço sozinho num café na manhã seguinte, depois fora num carro alugado até à Market Street e estacionara dois quarteirões a norte da Naquele Tempo.

Dado que a esta altura Max não o conseguia encaixar em mais loja nem firma nenhuma daquela secção, a razão mais lógica para estacionar àquela distância do seu presumível destino, à chuva, era a cautela. Ou a paranoia.

Visto que tinha morrido, a cautela seria a aposta mais segura.

Por conseguinte, o que teria Willy querido de uma loja de antiguidades em Angel's Gap para deixar pegadas desde Nova Iorque — e feito tudo para encobrir tais pegadas?

O posto de um recetor? Um contacto?

Mais uma vez, Max ligou o computador e entrou na página inicial da cidade. Em dois cliques, chegou à Naquele Tempo. Antiguidades, joalheria oriunda de património, colecionáveis. Compra e venda.

Escrevinhou o nome da loja num bloco, acrescentou «Recetor?» e fez dois círculos à volta da pergunta.

Leu as horas de abertura ao público, números de telefone e fax, correio eletrónico, e o facto de alegarem fazer entregas no mundo inteiro.

Depois leu o nome da proprietária.

Laine Tavish.

Não constava da lista dele, mas mesmo assim foi ver. Não havia Laine, nem havia Tavish. Mas havia Elaine O'Hara. A única filha do Big Jack.

De lábios franzidos, Max recostou-se na cadeira. Ela teria... vinte e oito, vinte e nove anos agora. Não seria interessante se a filhota do Big Jack seguisse a vida de roubo do pai, tivesse mudado de nome e assentado numa bonita terrinha na montanha?

Era uma peça do quebra-cabeças que só podia encaixar, pensou Max.

Quatro anos a viver em Angel's Gap significavam que Laine sabia exatamente o que esperar quando abriu a Naquele Tempo naquela manhã.

Jenny chegaria, ligeiramente atrasada, com donuts frescos. Aos seis meses de gravidez, Jenny raramente passava vinte minutos sem desejos de qualquer coisa cheia de açúcar e gordura. Por conseguinte, Laine olhava para a sua balança da casa de banho com um olho fechado.

Jenny iria complementar os donuts com um termo de chá de ervas em que se viciara desde que ficara grávida, e exigir saber todos os pormenores do acontecimento do dia anterior. Ser casada com o chefe da polícia não a impediria de querer a versão de Laine para acrescentar aos dados já acumulados.

Às dez em ponto, os curiosos começariam a entrar. Alguns, pensou Laine enquanto enchia a caixa registadora de trocos, fingiriam ver os artigos, e outros nem se dariam ao trabalho de disfarçar que queriam coscuvilhice.

Teria de passar por tudo outra vez. Teria de mentir outra vez, ou pelo menos fugir alegando que nunca antes vira o homem que dizia chamar-se Jasper Peterson.

Há muito tempo que não tinha de usar uma máscara só para ultrapassar o dia. E deprimia-a pensar em como era fácil.

Estava pronta quando Jenny entrou a correr cinco minutos atrasada.

Jenny tinha cara de anjo maroto. Era redonda e macia, branca e rosada, e tinha olhos espertos cor de amêndoa que subiam muito ligeiramente nos cantos exteriores. O cabelo era uma massa de caracóis pretos, muitas vezes, como era o caso naquele dia, apanhados de qualquer maneira no alto da cabeça. Usava uma camisola vermelha enorme que se esticava na barriga de grávida, calças largas e *Doc Martens* antigas.

Era tudo o que Laine não era — desorganizada, impulsiva, indisciplinada e um torvelinho emocional. E era exatamente o tipo de amiga que Laine sempre quisera na infância.

Laine considerava uma dádiva do destino ter Jenny na sua vida.

— Estou *esganada*. Tens fome? — Jenny largou a caixa da padaria no balcão e abriu a tampa. — Nem podia aguentar o *cheiro* destas coisas nos dois minutos que levei a chegar aqui do Krosen's. Acho que até comecei a gemer. — Enfiou grande parte de um donut com geleia na boca e falou mesmo assim. — Fiquei preocupada contigo. Sei que disseste que estavas bem quando telefonei ontem à noite, só com uma dor de cabeça, não querias falar sobre isso, blá, blá, blá, mas a mamã preocupa-se, fofinha.

— Estou bem. Foi horrível, mas estou bem.

Jenny estendeu a caixa. — Come açúcar.

— Oh, Deus. Sabes quanta ginástica terei de fazer para tirar isso do traseiro?

Jenny limitou-se a sorrir quando Laine cedeu e tirou um donut com creme. — E tens um traseiro tão bonito. — Esfregou a barriga lentamente em círculos enquanto via Laine a comer. — Não pareces ter dormido muito.

— Não. Não sossegava. — Apesar de um grande esforço para não o fazer, olhou para a montra. — Devo ter sido a última pessoa com quem ele falou, e despachei-o porque estava ocupada.

— Imaginas como se sente a Missy esta manhã? E é tanto culpa dela quanto tua. — Foi às traseiras, meio a bambolear-se, meio a marchar como fazia naquele sexto mês de gravidez, e voltou com duas canecas. — Vais beber um chazinho com uma dose de açúcar. Vais precisar das duas coisas para te fortaleceres para a investida quando abirmos. Toda a gente vai querer cá vir.

— Eu sei.

— O Vince vai abafar a coisa até saber mais, mas vai saber-se, e acho que tens o direito de saber.

Ora cá está, pensou Laine. — Saber o quê?

— O nome do tipo? Não era o nome do cartão que ele te deu.

— Como?

— Não era o nome que tinha na carta de condução nem nos cartões de crédito — continuou Jenny, toda excitada. — Era um pseudónimo. Chamava-se William Young. Escuta bem. Tinha estado dentro.

Detestava ouvir falar do homem que ela recordava com tanto carinho como tendo estado dentro, como se isso o definisse. E detestava-se por nada fazer para o defender. — Estás a brincar? Aquele homenzinho?

— Furto, fraude, posse de bens roubados, e isto são só as penas. Do que arranquei ao Vince, era suspeito de muito mais. Como um criminoso profissional, Laine. E esteve aqui, a controlar o estaminé.

— Andas a ver muitos filmes antigos, Jenny.

— Vá lá! E se estivesses cá sozinha? E se ele estivesse armado?

Laine sacudiu o açúcar dos dedos. — E estava?

— Bem, não, mas podia estar. Podia ter-te assaltado.

— Um criminoso profissional vem até Angel's Gap para me roubar a loja? Caraças, o *website* funciona mesmo.

Jenny tentou parecer aborrecida, mas depois riu-se. — Está bem, provavelmente ele não tencionava assaltar o estaminé.

— Vou afinar se continuares a chamar estaminé à loja.

— Mas tinha de haver coisa. Deu-te um cartão, não foi?

— Sim, mas...

— Portanto, *talvez* esperasse vender mercadoria roubada. Quem é que iria procurar aqui material desse? Como eu disse ao Vince, provavelmente fez um trabalhinho há pouco tempo, e talvez o recetor habitual já não existisse, ou coisa assim, e por isso teve de arranjar maneira de vender as coisas e depressa.

— E de todas as lojas de antiguidades do mundo inteiro, ele entra na minha? — Riu-se, mas sentiu um aperto na barriga ao pensar se seria essa a razão de Willy lhe ter batido à porta.

— Bem, tinha de entrar numa, porque *não* a tua?

— Ah... porque isto não é o telefilme da semana?

— Tens de admitir que é estranho.

— Sim, é estranho, e é triste. E também são dez horas, Jen. Vamos abrir para ver o que o dia nos traz.

Trouxe, como se esperava, as coscuvilheiras e os basbaques, mas Jenny conseguiu trocar teorias com alguns clientes enquanto fazia vendas genuínas. Era cobardia, mas Laine decidiu escapulir-se para as traseiras, com a desculpa da papelada, enquanto Jenny tratava da loja.

Mal tivera vinte minutos de solidão quando Jenny meteu a cabeça na porta. — Fofa, *tens* de ver isto.

— Só se for um cão a fazer malabarismos em cima de uma rodinha, senão tenho de atualizar esta folha de cálculo.

— É melhor. — Jenny fez sinal com a cabeça para a loja e afastou-se com a porta aberta.

Já que lhe tinha aguçado a curiosidade, Laine saiu atrás dela. Viu-o, com um copo de água da Depressão na mão, erguido contra a luz. Parecia delicado de mais, feminino de mais, para um homem que usava um blusão de aviador e botas de caminhada. Mas não foi desajeitado quando o pousou e pegou no outro copo do conjunto para observar também.

— Mmmm. — Jenny fez o mesmo barulho que fazia em frente a donuts com geleia. — Alto, forte e espadaúdo, como qualquer mulher quer de uma só vez.

— As mulheres casadas e grávidas não devem cobiçar estranhos.

— Não quer dizer que não apreciemos o panorama.

— Metáforas misturadas. — Deu uma cotovelada à amiga. — E estás a fixá-lo. Limpa a baba e vai vender.

— Vai tu. Tenho de fazer chichi. Mulher grávida, sabes?

Antes que Laine pudesse objetar, Jenny esgueirou-se para as traseiras. Mais divertida do que irritada, Laine atravessou a sala. — Bom-dia.

Fizera a cara amigável de vendedora quando ele se virou, e a olhou nos olhos.

Sentiu como que um murro no estômago e vibrações até aos joelhos. Quase sentia todo e qualquer pensamento coeso a fugir-lhe da cabeça e a dar lugar a qualquer coisa como: *Oh. Bem. Uau.*

— Bom-dia também para si. — Ele manteve o copo na mão e continuou a olhar para ela.

Tinha olhos de tigre, pensou ela debilmente. Olhos de gato grandes e perigosos. E o meio sorriso no rosto a olhar para ela fê-la sentir o que só podia ser desejo na garganta.

— Hmm... — Fascinada com a própria reação, soltou uma risadinha, e abanou a cabeça. — Desculpe, estava a divagar. É colecionador?

— Ainda não. A minha mãezinha, sim.

— Oh. — Tinha mãezinha. Não era querido? — E ela gosta de um motivo em especial?

Ele agora sorria, e Laine sentiu-se alegremente levantar voo. — Nem por isso. Gosta... da variedade do inesperado. Eu também. — Pousou o copo. — Como este sítio.

— Como?

— Uma arca do tesouro escondida nas montanhas.

— Obrigada.

E ela também o era, inesperada, pensou ele. Luminosa — o cabelo, os olhos, o sorriso. Linda como um bolo de morango e muito mais sensual. Não da maneira desassombrada com que a morena o impressionara, mas como que secreta e surpreendente que o fazia querer saber mais.

— Geórgia? — perguntou ela, e ele ergueu a sobrancelha esquerda.

— Apanhado.

— Tenho jeito para sotaques. A sua mãe faz anos em breve?

— Parou de fazer há coisa de dez anos. Chamamos-lhe simplesmente Dia da Marlene.

— Esperta. Esses copos são do motivo Sala de Chá, e há poucos. Não se costuma ver o conjunto dos seis copos, e em perfeitas condições. Posso fazer-lhe um bom preço pelo conjunto completo.

Ele tornou a pegar num, mas continuou a olhar para ela. — Posso regatear?

— É obrigatório. — Ela aproximou-se para erguer outro copo e mostrar-lhe o preço na base. — Como vê, custa cinquenta cada um, mas se quiser o conjunto, faço-lhe a duzentos e setenta e cinco.

— Espero que não lhe pareça mal, mas cheira mesmo bem. — Era um perfume fumado em que só se reparava quando já nos apanhava a garganta. — Muito bom, mesmo. Duzentos e vinte e cinco.

Ela *nunca* namoriscava, nunca namoriscava com clientes, mas deu consigo a virar-se para ele, um pouco mais próxima do que seria normal e a sorrir para aqueles olhos perigosos. — Obrigada, folgo em saber. Duzentos e sessenta, e é um roubo.

— Inclua a entrega em Savannah, jante comigo e temos negócio.

Tinha passado muito tempo, muito, muito tempo, desde que sentira aquela agitação no sangue. — Entrega... e uma bebida, com a opção de jantar noutra altura e noutro lugar. É uma boa oferta.

— Pois é. Sete horas? Têm um bar giro no Wayfarer.

— Pois têm. Às sete está bem. Como pretende pagar?

Ele sacou de um cartão de crédito e deu-lho.

— Max Gannon — leu ela. — Só Max, não é Maxwell, Maximillian, Maxfield. — Percebeu que ele fazia uma careta e riu-se. — Maxfield, como o Parrish.

— Só Max — disse ele com firmeza.

— Muito bem. Só Max, mas tenho dois pósteres do Parrish emoldurados e muito bons na sala ao lado.

— Não hei de esquecer-me.

Ela afastou-se para trás do balcão e depois apareceu de guia de remessa na mão. — Não se importa de preencher? Vai sair esta tarde.

— E eficiente, também. — Ele debruçou-se no balcão enquanto preenchia o papel. — Já sabe o meu nome. E o seu?

— É Tavish, Laine Tavish.

Ele continuou a sorrir quando olhou para cima. — Só Laine? Não é Elaine?

Ela nem pestanejou. — Só Laine. — Registou a venda e deu-lhe um cartão dourado. — Incluímos isto, e embrulhamos, se quiser escrever uma mensagem para a sua mãe.

Olhou quando ouviu a sineta e as Gémeas entraram.

— Laine. — Carla foi direitinha ao balcão. — Como te estás a aguentar?

— Estou bem. Muito bem. Já vou ter convosco.

— Estávamos raladas, não estávamos, Darla?

— Estávamos, pois.

— Não havia necessidade. — Sentiu uma espécie de pânico e desejou que Jenny voltasse. O interlúdio com Max afastara a mágoa e a preocupação com Willy da sua cabeça. Agora voltava tudo. — Vou buscar as coisas que guardámos assim que terminar aqui.

— Não há pressa. — Carla já inclinava a cabeça para poder ler o destino da guia de remessa. — A nossa Laine esmera-se no serviço ao cliente — disse para Max.

— E é um excelente serviço. Senhoras, são as duas um colírio para os olhos.

Coraram ambas ao mesmo tempo.

— O cartão, Sr. Gannon, e o recibo.

— Obrigado, Menina Tavish.

— Espero que a sua mãe goste da prenda.

— Estou certo que sim. — Os olhos dele riram-se para os dela antes de se virar para as Gémeas. — Minhas senhoras.

As três mulheres acompanharam-no com o olhar. Houve um silêncio e depois Carla soltou um suspiro muito longo e disse, simplesmente: — Minha nossa.

O sorriso de Max desapareceu assim que saiu à rua. Não tinha razão para se sentir culpado, disse de si para si. Beber um copo com uma mulher bonita ao final do dia era uma atividade normal e agradável, e seu direito inalienável por ser solteiro e saudável.

Além disso, não acreditava em culpas. Mentir, prevaricar, fingir e arquitetar eram parte do trabalho. E ele ainda não lhe tinha mentido — ainda.

Desceu um quarteirão para ver de longe o sítio onde Willy morreria.

Só lhe mentiria se ela tivesse parte naquilo. E se tivesse, ia deparar-se com muito pior do que mentirinhas.

O que o preocupava era não saber, não ter intuição. Tinha jeito para aquilo, e por isso era tão bom no seu trabalho. Mas Laine Tavish apanhara-o desprevenido, e a única coisa que sentia era o deslizar lento e doce da atração.

Porém, grandes olhos azuis e sorriso sensual à parte, era provável que ela estivesse enterrada naquilo até ao pescoço. Ele seguia sempre as probabilidades. Willy fora vê-la e acabara esparramado na rua à porta da loja dela. Assim que soubesse porquê, estaria um passo mais perto do luminoso final da pista.

Se tivesse de a usar para lá chegar, paciência, as coisas eram mesmo assim.

Voltou ao hotel, tirou o recibo do bolso e aplicou cuidadosamente pó para ver impressões digitais. Conseguiu umas boas do polegar e do indicador dela. Tirou fotografias digitais e mandou-as a um amigo que as processaria sem fazer perguntas irritantes.

Depois sentou-se, estalou os dedos e foi trabalhar na auto-estrada da informação.

Ingeriu um bule de café, uma sanduíche de frango e uma tarte de maçã mesmo boa enquanto trabalhava. Tinha a residência de Laine e, entre o telefone e o computador, as informações de que ela comprara casa e se estabelecera na Market Street quatro anos antes. Anteriormente, tinha tido uma morada em Filadélfia. Mais um pouco de pesquisa e viu que fora um apartamento.

Com métodos que não eram estritamente éticos, passou mais tempo a desvelar as camadas de Laine Tavish e começou a ter uma ideia. Formara-se na universidade estadual da Pensilvânia e os pais chamavam-se Marilyn e Robert Tavish.

Engraçado, não era?, pensou Max, a tamborilar com os dedos na secretária. A mulher de Jack O'Hara chamava-se Marilyn. Não seria demasiada coincidência?

— Enterrada até ao teu belo pescoço — murmurou ele, e decidiu que era altura de uma pirataria mais séria.

Havia maneiras e maneiras de arrancar bocadinhos de informação que, por seu turno, levavam a mais bocadinhos. A licença comercial dela estava, nos termos da lei, afixada na loja. E o número da licença era como um trampolim para ele.

Com alguma delicadeza criativa, arranjou o impresso de pedido de licença e o número da Segurança Social dela.

Debruçou-se sobre ele e usou os números, a intuição e a sua própria curiosidade insaciável para chegar à escritura da casa dela no tribunal da comarca, e agora já tinha o nome da entidade credora se quisesse violar várias leis e piratear a candidatura ao empréstimo.

Seria giro porque sabe Deus como ele *adorava* tecnologia, mas seria mais proveitoso saber de onde ela vinha do que onde estava agora.

Voltou aos pais e começou uma busca que implicou outro bule de café do serviço de quartos. Quando finalmente localizou Robert e Marilyn Tavish em Taos, Novo México, abanou a cabeça.

Laine não lhe parecera uma flor do Oeste. Não, era da parte Leste, pensou ele, e muito urbana. Mas Bob e Marilyn, já que pensava neles, estavam ligados a uma coisa chamada Roundup, que era uma churrasqueira no Oeste, e tinha página na *web*. Toda a gente tinha, pensou Max.

Até havia uma fotografia dos alegres proprietários junto ao enorme desenho de um *cowboy* com laço para o gado. Ampliou e imprimiu a imagem antes de navegar no *site*. A ementa não parecia nada má, e podia encomendar-se o Molho de Churrasco do Diabo do Rob pelo *website*.

Rob, reparou Max, não era Bob.

Pareciam felizes, pensou ele enquanto estudava a foto. No geral, classe trabalhadora, contentes como tudo por serem donos do seu negócio. Marilyn Tavish não parecia ter sido mulher — e presumível cúmplice — de um ladrão e vigarista profissional que não só tivera manias de grandeza, como também se safara.

Parecia mais do tipo de nos fazer uma sanduíche antes de ir estender a roupa.

Reparou que a Roundup estava aberta há oito anos, ou seja, tinham-se estabelecido quando Laine andava na faculdade. Num palpite, entrou no jornal local de Taos, foi aos arquivos e procurou uma história sobre os Tavish.

Encontrou seis, o que o surpreendeu, e voltou à primeira, em que o jornal cobrira a inauguração da churrasqueira. Leu tudo, dando especial atenção a pormenores pessoais como, por exemplo, que os Tavish

estavam casados havia seis anos nessa altura, e se tinham conhecido, segundo a notícia, em Chicago, onde Marilyn era empregada de mesa e Rob trabalhava num concessionário da Chrysler. Falava-se numa filha, que estava a tirar Administração de Empresas numa faculdade na Costa Leste.

Rob sempre quisera ser dono do seu negócio, blá, blá, e por fim respondera ao desafio da mulher de fazer alguma coisa com o seu talento culinário, além de dar de comer a amigos e vizinhos em piqueniques.

As outras histórias seguiam o interesse de Rob na política local e a associação de Marilyn no Conselho das Artes de Taos. Havia mais uma notícia quando a Roundup comemorara o quinto aniversário com uma festa ao ar livre, incluindo passeios de pónei para crianças.

Essa história tinha uma foto do casal radiante, ao lado de uma Laine às gargalhadas.

Credo, era mesmo giraça. A cabeça para trás com o riso, os braços afetuosamente nos ombros da mãe e do padrasto. Usava uma camisa de corte estilo Oeste com franjas nos bolsos, o que o punha louco — por razões que ele nem sabia.

Conseguia ver a parença com a mãe agora que estavam lado a lado. Tinha a certeza.

A cronologia também batia demasiado certo. Marilyn O'Hara pedira o divórcio enquanto Jack cumpria uma pena pequena, cortesia do Estado de Indiana. Levara a filha e mudara-se para Jacksonville, Florida. As autoridades tinham-na tido debaixo de olho alguns meses, mas não houvera nada a assinalar e ela trabalhara como empregada de mesa.

E andara às voltas. Texas, Filadélfia, Kansas. Depois desaparecera da vista, do radar, pouco menos de dois anos antes de ela e Rob darem o nó.

Talvez quisesse começar do zero também, pela filha. Ou talvez fosse só uma grande vigarice. Max entendia como sua missão descobrir.

Três

— **M**as que estou a fazer? Isto não é coisa que eu faça. Jenny espreitou por cima do ombro de Laine para os reflexos das duas no espelho do quarto. — Vais beber um copo com um homem muito giro. Por que razão não é coisa que faças será motivo para falar com um psicólogo.

— Nem sequer sei quem ele é. — Laine pousou o batom que tinha na mão, sem o pôr. — Fiz-me a ele, Jen. Pelo amor de Deus, fiz-me a ele na minha própria loja.

— Se uma mulher não se pode fazer a um tipo giro na sua própria loja, onde é que pode? Põe batom. — Olhou para onde *Henry* estava a abanar a cauda. — Vês, o *Henry* concorda comigo.

— Devia telefonar para a pousada, deixar mensagem, a dizer que surgiu qualquer coisa.

— Laine, estás a dar-me um desgosto. — Pegou no batom. — Pinta lá — mandou.

— Não acredito que te deixei convencer-me a fechar meia hora mais cedo. Não acredito como foi fácil convenceres-me. Vir a casa mudar de roupa... parece óbvio de mais, não parece?

— E que mal há em ser óbvio?

— Não sei. — Laine pôs batom e olhou para o objeto. — Não estou

a pensar como deve ser. Foi aquele momento, aquele momento *zás!* Só queria arrancar-lhe a camisa e morder-lhe o pescoço.

— Bem, força nisso, fofa.

Com uma risada, Laine virou-se. — Não vou fazer nada disso. Um copo, está bem. Seria falta de chá não aparecer, não era? Era, pois. Mas mais nada. Depois disso, o bom senso torna a imperar, e venho para casa e fecho a porta a este interlúdio tão estranho.

Abriu os braços. — Que tal estou? Bem?

— Melhor que bem.

— Melhor que bem é bom. Vou andando.

— Vai. Eu ponho o *Henry* lá fora. Não queres ir a cheirar a cão. E tranco tudo.

— Obrigada. E obrigada pelo apoio moral. Sinto-me idiota.

— Se decidires... prolongar a noite, liga-me. Venho cá e levo o *Henry*. Dormiremos juntos.

— Obrigada, mas *não* vou prolongar a noite. Um copo. Deve ser no máximo uma hora. — Deu um beijo na face de Jenny e depois, arriscando-se a cheirar a cão, deu um beijo no focinho de *Henry*. — Até amanhã — disse enquanto corria para as escadas.

Tinha sido uma parvoíce ir até casa e tornar a ir à cidade, mas ainda bem que fora parva. Embora nem a Jenny a pudesse ter convencido a usar um vestidinho preto — coisa mais óbvia —, sentia-se melhor fora da roupa de trabalho. A camisola macia tinha uma bela cor verde-musgo e era descontraída o bastante para não dar ideias erradas.

Nem sabia que ideias queria dar. Ainda.

Sentiu um assomo de pânico quando entrou no hotel. Não tinham confirmado mesmo que iam beber uns copos. Tinha sido tudo tão espontâneo, e tão inaudito para ela. E se ele não aparecesse, ou, pior, estivesse no bar quando ela entrasse e parecesse surpreendido — aborrecido — dececionado?

Se ela estava assim tão nervosa por causa de uma bebida num bar público e cheio de classe, era porque estava mesmo enferrujada naquelas coisas.

Entrou pelas portas de vidro e sorriu para a mulher que estava ao balcão do bar.

— Olá, Jackie.

— Olá, Laine. Que vais tomar?

— Por enquanto, nada. — Varreu com os olhos a sala mal iluminada,

os sofás vermelhos e as cadeiras. Alguns homens de negócios, dois casais, um trio de mulheres numa noite só delas com bebidas vistosas. Nada de Max Gannon.

Escolheu uma mesa onde não estaria de frente para a porta mas poderia vê-la. Ia pegar no menu do bar para entreter as mãos, mas decidiu que a faria parecer aborrecida. Ou com fome. *Oh, Deus.*

Em contrapartida, sacou do telemóvel e ouviu as mensagens que tinha em casa. Não tinha nenhuma, claro, pois acabara de sair há vinte minutos. Mas alguém tinha desligado duas vezes, com poucos minutos de intervalo.

Estava a fazer má cara a isso quando o ouviu falar.

— Más notícias?

— Não. — Tão corada como agradada, desligou e meteu o telemóvel na mala. — Nada de importante.

— Estou atrasado?

— Não. Eu é que sou impossível de pontualidade. — Ficou surpreendida por ele se sentar ao lado dela no sofá e não do outro lado da mesa, na cadeira. — É o hábito.

— Já disse que você cheira muito bem?

— Já disse, pois. E eu não perguntei o que faz aqui em Gap.

— Negócios, que consegui esticar para mais uns dias. Por causa das atrações locais.

— A sério? — Já não estava nervosa, e nem via razão para ter estado. — Temos algumas. Há trilhos maravilhosos nas montanhas se gostar de caminhadas.

— Você gosta? — Passou-lhe os dedos pelas costas da mão. — De caminhadas.

— Não arranjo tempo. A loja mantém-me ocupada. E os seus negócios?

— Preenchem o dia — respondeu ele, e olhou para cima quando a empregada se chegou à mesa deles.

— Que vão tomar?

Era nova, e Laine não a reconheceu. — *Bombay martini*, liso, duas azeitonas, gelado.

— Parece ótimo. Dois. Cresceu por estas bandas? — perguntou ele a Laine.

— Não, mas imagino que teria sido agradável. Uma terrinha mas sem ser Mayberry, perto da grande cidade mas sem estar apinhada. E gosto das montanhas.

Recordou-se desta parte do ritual da primeira saída. Não fora assim há *tanto* tempo. — Ainda mora em Savannah?

— Principalmente em Nova Iorque, mas viajo muito.

— Porquê?

— Negócios, lazer. Seguros, mas não se aflija. Não quero vender-lhe nada.

A empregada trouxe os copos e os *shakers* numa bandeja e serviu na mesa. Pousou uma taça com frutos secos açucarados e esgueirou-se discretamente.

Laine ergueu o seu copo e sorriu por cima da beira. — À sua mãe.

— Ela gostaria disso. — Tocou com o copo no dela. — Como é que deu consigo com uma loja de antiguidades?

— Queria um negócio meu. Sempre gostei de coisas antigas, da continuidade delas. Não me importa a papelada, mas não queria trabalhar num escritório o dia todo. — Sentindo-se à vontade, recostou-se com a bebida, mexendo o corpo para poderem continuar a namoriscar com o olhar e a conversa. — Gosto de comprar e vender, e ver o que as pessoas compram e vendem. Juntei tudo e abri a Naquele Tempo. Que ramo de seguros?

— Para empresas, principalmente. Uma seca. Tem família na zona?

Muito bem, pensou ela, não quer falar de trabalho. — Os meus pais moram no Novo México. Foram para lá há uns anos.

— Irmãos, irmãs?

— Filha única. E você?

— Tenho um de cada. Dois sobrinhos e uma sobrinha.

— Que bom — disse ela, e foi sincera. — Tenho sempre inveja de famílias, o barulho, os traumas e a companhia. A concorrência.

— Temos muito disso. Portanto, se não cresceu por aqui, onde foi?

— Andámos por muitos sítios. Por causa do trabalho do meu pai.

— Acredito. — Provou um aperitivo, com um ar casual. — Que faz ele?

— Foi... vendedor. — Como é que havia de falar disso em tom neutro? — Conseguia vender qualquer coisa.

Ele percebeu, o tom de orgulho na voz dela, o contraste com a sombra que lhe passava nos olhos. — Mas já não é?

Ela não falou, bebeu um gole para conseguir pensar. Era melhor ser simples, lembrou-se. — Os meus pais abriram um restaurante em Taos. Uma espécie de reforma a trabalhar. A trabalhar mais que outra coisa. E parecem miúdos de contentes.

— Tem saudades deles.

— Tenho, mas não queria o que eles queriam. E aqui estou. Adoro Angel's Gap. É o meu sítio. Também tem um?

— Talvez. Mas ainda não o encontrei.

A empregada apareceu. — Mais uma?

Laine abanou a cabeça. — Vou conduzir.

Ele pediu a conta e pegou na mão de Laine. — Marquei mesa na sala de jantar, no caso de mudares de ideias. Muda de ideias, Laine, e janta comigo.

Tinha uns olhos tão bonitos, e aquela voz quente de uísque com gelo que ela adorava. Que mal fazia?

— Está bem. Gostaria muito.